

Raízes com força de futuro!

Ser discípula de Maria Clara do Menino Jesus não é tarefa fácil. Mas tarefa ainda mais difícil terá sido para Libânia do Carmo Galvão Mexia de Moura Telles e Albuquerque assumir-se como discípula de Jesus Cristo. E foi.

Uma congregação que tem como fundadora uma Mulher desta “estatura” nada pode recriar. Ademais, Maria Clara contagiou-se pela simplicidade e radicalidade evangélica de Francisco de Assis. Uma instituição com estes alicerces humanos assentes numa rocha divina não vai abaixo nunca, mesmo que desça a chuva, venham as torrentes, soprem os ventos com ímpeto contra ela (Mt 7, 24-25).

Será que Libânia do Carmo alguma vez terá previsto que 175 anos após o seu nascimento ainda fosse lembrada por tanta gente pelo mundo fora? Será que Maria Clara, perante tantas dificuldades por que passou, terá acreditado que o seu sonho de ajudar os pobres pudesse vingar da forma como vingou? E na hora da sua partida para o Pai terá acreditado que a obra que lenta e custosamente foi construindo tivesse esta dimensão e esta longevidade? Mas o que parece impossível aos homens pode ser possível a Deus...

É claro que o mundo no horizonte “20-20” não é igual ao mundo do século XIX. Como ultrapassámos, entretanto, a velocidade do som e andamos (quase) à velocidade da luz (?), 175 anos são uma “eternidade”... E este facto valoriza ainda mais a potencialidade (e alcance) do projeto sonhado por Maria Clara. Como é possível resistir tanto tempo a tamanha mudança de “galáxia”? Qual o segredo? A resposta parece(-me) simples: a obra de Mãe Clara é obra de Deus. E tudo que é obra de Deus, isto é, tudo o que nasce para fazer o “bem”, não morre: forma-se, informa-se, enforma-se, reforma-se, transforma-se. Sempre na fidelidade às origens...

Convoco meteoricamente Francisco (de Roma) para este curto apontamento registando três ideias capitais da sua Carta apostólica às pessoas consagradas para proclamação do Ano da Vida Consagrada (21 de novembro de 2014): (i) «Olhar com gratidão o passado», isto é, ter orgulho de ser IFHIC e tudo fazer para “iluminar e aquecer” a humanidade do 3.º milénio (que, na essência, é igualzinha à humanidade do século XIX); (ii) «Viver com paixão o presente», isto é, acreditar que estamos no melhor período da História da Salvação, e que o dia de hoje – um presente”! – é o dia mais importante da minha (nossa) vida, não se podendo desperdiçar nem tempo nem oportunidades; (iii) «Abraçar com esperança o futuro», isto é, acreditar que somos capazes de “dar a volta” à cidade dos homens e convertê-la na cidade celestial (pois a Esperança nunca desilude...). Quem tem “orgulho” da sua identidade (e não perde a memória...), quem reconhece que a sua gotinha quotidiana de bem, somada a inúmeras outras gotinhas de bondade, alimenta e encorpa este oceano de amor, agora e no futuro, vive “alegre”, transparece “felicidade”, mesmo com conflitos internos e externos, mesmo com momentos de desânimo, mesmo com tentações “do diabo”, mesmo com pouca resistência física.

Urge acreditar profundamente que o legado da Beata Maria Clara – quer na ação social, quer na ação educativa – é uma bênção para as crianças, jovens, mulheres e homens da era digital, sedentos, como já sucedia há milénios, de um Deus que os ajude a sentirem-se bem, a serem “felizes”.

Será esta “crença” que levará as IFHIC a olhar o Céu, mas com os olhos bem assentes na terra, atentas (e vigilantes) aos *sinais dos tempos*, iluminando e aquecendo os pobres de corpo e de espírito, com ciência e paciência, com criatividade, com capacidade para assumir riscos, com muito, mesmo muito, otimismo.

Serão, certamente, estas “virtudes” que, aliadas à Fé e à oração intensa, possibilitam “ver mais longe”, perscrutar novos caminhos, novas oportunidades, novas necessidades. E cativar jovens para este desafio. E convocar/ contagiar/ entusiasmar outros colaboradores, levando-os a viver este carisma fundante, na corresponsabilidade e na confiança, dando-lhes espaços de crescimento e de autonomia.

No bulício da vida há um “Olhar Providencial de Deus que vela sobre nós”. Acreditemos n’Ele para (nos) *Lucere et Fovere* ...

Jorge Cotovio
Dezembro de 2017